

Leituras minhas e de outros mundos: diários de leitores do alto sertão baiano¹

Zélia Malheiro Marques
UNEB/BAHIA

Atino-me para a compreensão mais consciente da vivência profissional, buscando compreender como me fiz leitora e professora do ensino da língua portuguesa. Ao visitar esses lugares, vejo-me diante de situações diversas de leituras e me sinto em viagem. Segundo Destaco De Certeau (1994), os leitores são viajantes e, assim, reafirmo em mim o propósito de não ficar esperando deixar para ver o que acontece. Olho a minha história de vida e certifico-me de que não é marcada pela passividade e, então, vou ao encontro da vida como sempre fiz a propiciar condições para o enfrentamento aos desafios contemporâneos.

Do lugar em que me encontro para visualizar caminhos, vejo-me com a chave de leitura e quero utilizá-la; compreendo o quanto se faz importante investir nas práticas de leitura para o conhecimento identitário pessoal e social a favorecer, ao sujeito, uma experiência pautada no sentido da vida. Identidade sendo vista como uma construção processual, espaço dinâmico e desafiador, de acordo com Nóvoa (1992), reflete a identidade como lugar de lutas e de conflitos. Evidencio, portanto, o conceito de identidade como ação na formação do sujeito e percebo, nessas vias, razões para a realização da experiência de si bem como do social.

Certifico-me de que, se estou bem como profissional, estarei, pois, aberta às conquistas pessoais. Assim sendo, concebo a narrativa escrita como testemunha de uma situação formadora e, dessa pluralidade de contextos culturais, vejo possibilidades de confrontá-los com os traços específicos da pessoa, bem como com a formação de leitores dos alunos e professores rurais do município de Caetité,² alto sertão baiano, distante de Salvador, em média

¹ Orientadores Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza e Prof^a Dr^a Verbena Maria Rocha Cordeiro.

² De acordo com Pires apud Azevedo (1980, p. 38) “A Serra geral já estava ocupada, desde meados do século XVII, pelos currais do Antônio Guedes de Brito, fundador da Casa da Ponte,

de 750 quilômetros. Falo do lugar do movimento, ambientes citadinos, lugares de minha formação e de vivência profissional, onde me fiz mulher e professora. Falo, também, das raízes sertanejas e rurais, minhas vivências infantis, bem como da minha primeira experiência profissional, quando, no auxílio da orientação e supervisão de professores leigos – Projeto Logos II³ – fui percebendo a complexidade da formação docente e, simultaneamente, o prazer de ser professora.

A partir desse lugar, pude ir vivendo, realmente, a experiência de ser professora, como se estivesse a reafirmar minhas brincadeiras de escolinha, momento infantil, em que me fiz professora pela fantasia de inventar e fantasiar a profissão. Penso como seria importante para as pessoas essa possibilidade de ressignificar a vida e, em pleno percurso, reconstruir os caminhos, a fim de vivenciar o prazer da profissão, sendo uma leitora de si e do social na dimensão de pensar o local em sintonia com o global.

Através de minhas reminiscências e da itinerância profissional, posso, em viagem, revisitar lugares desejosos ou não, para, assim, perceber melhor a minha vida, bem como a de outros que se identificam com esses percursos. É como se estivesse falando de várias histórias minhas que também são de outros, através de uma história ou de várias histórias: “Nestes momentos-charneira, o sujeito confronta-se consigo mesmo” [...] (JOSSO, 1988, p. 43).

Observo as possibilidades de transformações; sou conduzida a adaptar-me ao novo, levando-se em conta a condição autônoma e o enfrentamento da vida, assim como a singularidade presente em cada sujeito. Ressalto a relevância de propiciar a reflexão processual de construção de leitores em lugares cujas experiências somam-se ou até se diferem, mas que precisam ser confrontadas para possibilitar a conquista de novos caminhos. Penso nas histórias como aproximação das distâncias minhas e de outros mundos.

mas a criação extensiva de gado não propiciou o aparecimento de aglomerados urbanos importantes. Este fato só se concretizou com o fluxo e refluxo de garimpeiros que se iniciou no século XVIII, entre a Chapada Diamantina e as lavras de Minas Gerais, em decorrência da descoberta do ouro baiano. Caetité, situada à margem da mais importante estrada que ligava estas duas regiões, tornou-se ponto de parada obrigatória. Mais tarde, descobriu-se ali ouro e até diamantes”.

³ Ministério da Educação e Cultura – MEC e S. E de 1º e 2º Graus – Convênio SEPS/MEC – CETEB – 1983.

Certifico-me de que, ao longo da nossa existência, as histórias são utilizadas como possibilidades de comunicação e de aproximação dos povos, a exemplo das parábolas evangélicas e das mitologias gregas, referências de vida no presente, no passado e no futuro. Para Cordeiro (2004), em um período de mais de trinta séculos de história da cultura ocidental, há a presença da mitologia, no campo da literatura, seja por uma simples alusão, uma comparação ou reminiscência. Dialogo com a autora para pensar as relações com fontes vivas que propiciam e renovam nossa caminhada, inclusive pela condição de inventar novas histórias.

Já procurou observar os olhos das pessoas – crianças, jovens ou adultos – quando alguém propõe uma contação de histórias? E se o contador, no ato de contar a história, utilizar-se de artifícios adequados à narrativa, tais como gestos, músicas, o barulho, o silêncio, dentre outros, cada um em seu devido momento, como se vê o público que o acompanha? Penso que as histórias, como estratégias de trabalho, serão sempre apreciadas pelas pessoas de todas as idades e nas diversas sociedades, constituindo-se significativas ações para possibilitar sentido à vida.

Destaco, ainda, a idéia de percurso próprio como um caminho que não pode ser percorrido por outra pessoa. Associo-me a outras histórias como as dos colaboradores da pesquisa de mestrado, cujo título é: “Entre viagens e viagens, leituras e leitores: a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira para compreender melhor a formação de leitores da BMAT”, cuja abrangência privilegia as escolas rurais e multisseriadas do município de Caetité – Bahia, em parceria com os instrumentos e as atividades de leitura da Casa Anísio Teixeira.

Reflico o processo de construção dos encontros de leitura para a pesquisa da dissertação e a preocupação em levar-se em conta a compreensão dos próprios percursos, bem como das narrativas sociais, anteriormente, deixadas de lado, por serem consideradas a margem da história oficial. Dialogo com Pereira (2000) e constato que, até o século XIX, as autobiografias e biografias eram documentos pessoais que constituíam espaços privilegiados e reservados à reprodução e à divulgação da vida da classe dominante, sendo que às camadas populares, não tinham possibilidades de ver publicadas suas experiências de vida.

Busco, então, ao perceber o espelho do meu tempo, através de uma pesquisa qualitativa, eleger a história de vida como matéria-prima para o trabalho de formação e pesquisa, o qual foi conduzido a partir de fases, cujo procedimento inicial deu-se em contato com as histórias de vida dos colaboradores da investigação e, posteriormente, de seus percursos sociais. Observei compreender como se realiza o processo de formação de leitores desenvolvido pelo programa da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira, junto às classes rurais e multisseriadas do município de Caetité e, como chave de leitura, elegi as memórias e diários, organizados durante o processo de pesquisa, na perspectiva de reflexão, através de narrativas próprias e de outras, para pensar a identidade pessoal e social: "Será que o autor e o leitor trabalham da mesma maneira? Como e sobre que bases trabalham? O que acontece ao ator empenhado no processo quando se torna leitor de si mesmo e leitor de outrem?" (JOSSO, 2004, p.150).

Elejo o ser leitor de si mesmo e de outros para fins de interpretação da vida, observando, nos encontros de leitura desenvolvidos: "Ao ler, um indivíduo ativa seu lugar social, suas vivências, sua biblioteca interna, suas relações com o outro, os valores de sua comunidade" (PAULINO, 2001, p. 22). Faço a leitura do lugar pessoal e social e, a partir das histórias de vida, entendo o caminho como representativo e propiciador de reflexão e ação no que diz respeito à complexa situação em que se encontra o professor. Resquícios do ensino tradicional e a necessidade de uma prática pedagógica a partir do conhecimento de si e do social. Reconheço, nesse contexto, o lugar para o sujeito-leitor se desenvolver e, mesmo sendo uma ação desafiadora, observo, nessa vivência, a valorização do saber e da vida como um todo.

Percebo o entrecruzamento dos percursos e a necessidade de investimento processual na construção identitária. Elejo os desafios, como o próprio mundo contemporâneo, como motivação na caminhada e a possibilidade de realização da experiência, a partir do sentido da vida. Considero a reflexão atual para a formação de professores e quero agarrar essa oportunidade, a fim de compreender a itinerância pessoal e social, assim como, para refletir, também, um novo jeito de valorização para a profissionalidade dos professores.

Para Souza (2006), na área de educação, adota-se o método autobiográfico e as narrativas de formação como possibilidades do conhecimento do ser, bem como para realizar a pesquisa e a formação de professores. As narrativas podem ser expressas em diários autobiográficos, demarcando o espaço onde o sujeito seleciona suas idéias, possibilita à reconstrução de sua experiência de vida e, numa visão auto-reflexiva, busca compreender a trajetória de si e a dos outros sem perder de vista o próprio processo de formação.

Diante do exposto, apropriei-me dessas possibilidades, e, a partir da abordagem autobiográfica e com práticas de leitura, refletindo-as como uma prática que não é neutra, conforme Abreu (2007), realizei a pesquisa, para compreender o processo de formação de leitores da BMAT, cuja itinerância prioriza escolas rurais e multisseriadas do município de Caetité – Bahia, por considerá-las distantes das discussões pedagógicas das escolas citadinas, localizadas na sede municipal. Nos dez encontros de leitura realizados com leitores das escolas Janir Aguiar e Altair Públio de Castro, no período correspondente entre os meses de janeiro a abril de 2008, havia a produção e apresentação dos diários, combinadas com outras atividades lúdicas como dramatizações, paródias, poemas, reisados, dentre outras que eram desenvolvidas no momento do diário, fazendo um diálogo com a cultura local.

Na condição de pesquisadora, além dos textos autobiográficos, propicie o registro de fotografias, desenhos, filmagens, bem como a produção do meu próprio diário, construído a partir da vivência dessa pesquisa, ou seja, no momento de preparação, de execução e de conclusão dos encontros de leitura para proceder com a investigação. Para fazer esse percurso, dialoguei com teóricos relacionados à abordagem biográfica, tendo como metodologia a pesquisa-formação: “Este texto foi redigido a partir do meu diário de pesquisa e depois de ter escutado integralmente dez cassetes de 90 minutos, gravadas durante um ano de trabalho e relido as minhas anotações de campo, [...]” (JOSSO, 2004, p.113).

Diálogo com a autora e elejo o diário não apenas para registrar fatos acontecidos no desenvolvimento das práticas de leituras, mas também para a apresentação de novos textos, identificados a partir do contato com os diários produzidos; observo o que os fatos desencadeiam nos colaboradores da

pesquisa. Há uma associação das trajetórias de vida como propiciadoras de uma mediação adequada com a contemporaneidade e constato o registro dos fatos acontecidos, mas, não só eles e sua linearidade; atento-me para os significados oriundos da parceria entre o objetivo e o subjetivo presente na formação pessoal e profissional, como se constata na fala de um dos colaboradores: “Maria fugiu da sua casa, a procura de um tesouro. A infância de Maria são tantas cenas que tem; escrevemos várias lembranças, da nossa infância também.” A fala em destaque revela as leituras dos próprios mundos, como também as de outros, favorecendo a compreensão do processo construtivo do ser leitor ao vivenciar histórias cotidianas, sejam familiares ou resultantes da profissão.

Dominicé (1988) destaca os contextos familiares, escolares e profissionais como lugares propiciadores de situações específicas que cativam os seres envolvidos, dando significado às histórias de vida de cada um, uma vez que a formação dá-se nesse contexto marcado pela bipolaridade de rejeição e de adesão. Penso na fala de um adolescente, colaborador da pesquisa: “A leitura nos leva, há um mundo de diversão, pois com a leitura somos humildes e agimos como cidadão”. Enxergo por essas vias, a relevância dos encontros de leitura; certifico-me de que eles constituem possibilidades dos encontros do prazer e o mundo de diversão nos lugares onde há tantas faltas, inclusive a falta das brincadeiras.

Penso na relevância de construção de narrativas autobiográficas para refletir melhor a formação profissional, o conhecimento de si, pois o professor, nessas circunstâncias, não é somente autor de um texto, nem somente alguém que representa um papel no palco que é a própria vida; ele está na história; é sujeito-leitor e, no percurso, pode se transformar ou transformar sua prática pessoal ou profissional. Elejo os diários dos encontros de leitura, os desenhos, as fotografias e as gravações como possibilidades de diálogo com as narrativas minhas e de outros mundos, eleitas para a valorização de registros não apenas de uma expressão privilegiada das teorias já consagradas, mas também para dar voz aos referenciais de uma cultura abandonada por não fazer parte dos campos privilegiados do saber. Trago para os encontros os diversos textos, porque falam das relevantes histórias de vida, das culturas isoladas e da simplicidade vivida em lugares sem muito movimento.

Chené (1998), ao referir-se aos aspectos da formação de professores, confirma as potencialidades da narrativa de formação, do ponto de vista teórico, elegendo a narrativa como possibilidade de compreensão do percurso da formação pessoal e social. Do ponto de vista prático, é favorecer ao formador a possibilidade de encontrar o seu projeto de ser, bem como contribuir, para que se forme, a partir do contato com a sua própria história e, também, da reapropriação feita através do julgamento dos fatos.

Penso na relevância do sentido de vida para o professor e para o aluno e até para a comunidade, onde eles estão inseridos, uma vez que nova postura é assumida pelo sujeito e esse, em contrapartida, ficará mais seguro da caminhada, percebendo sua prática como ação plural e particular, cujas conexões irão explicar as questões do povo e de cultura. Ao fazer essas leituras, reafirmo, como propósito, o desejo de investir nos encontros de leitura, ressaltando a sua relevância no meio em que constitui o espaço acadêmico. Busco pela junção das experiências que destacam a diversidade, a construção de uma prática pedagógica interdisciplinar e autônoma, numa perspectiva de valorização da pesquisa experiencial.

Referências

ABREU, Márcia. (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: ALB & Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2007.

CHENÉ, Adèle. A narrativa de formação e a formação de formadores. In.: NÓVOA, Antônio e FINGER, Matthias. *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer*; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 269-270

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. *Letra*. Boletim Literário. Número 7. Salvador, 2004.

DOMINICÉ, Pierre. O Processo de Formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, Antônio e FINGER, Matthias. *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. – São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito – ao sujeito da formação. In.: NÓVOA, António e FINGER, Matthias. *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa MS/DRHS/CFAP, 1988.

NÓVOA, Antonio. (Org.) *Vida de Professores*. Porto: Porto Ed., 1992.

PAULINO, Graça. Saberes literários como saberes docentes. In: *Presença Pedagógica*, v. 10. N. 59, p. 55-61, set./out., 2004.

PEREIRA, Ligia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: *História Oral*. Revista da Associação brasileira de História Oral, São Paulo, nº 3, pp. 117/127, jun.2000.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830 -1888)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.